

RESUMO: Este trabalho partirá da descrição da constituição e organização das metáforas cotidianas feita por Johnson e Lakoff em sua obra *Conceptual Metaphors in Everyday Language*. Usaremos essa teoria para estabelecer analogias entre as metáforas da vida cotidiana e as metáforas do romance novela *Lavoura Arcaica*, lançado em 1985, cujo autor é o paulista Raduan Nassar. O objetivo dessas analogias é a localização de conseqüências estilísticas e de constituição de sentido causadas pela constituição e pela organização das metáforas de *Lavoura Arcaica*.

ABSTRACT: This work will break of the description of the constitution and organization of the daily metaphors made by Johnson and Lakoff in its *Conceptual Metaphors in Everyday Language*. We will use this theory to establish analogies between the metaphors of the daily life and the metaphors of the romance novel *Lavoura Arcaica*, launched in 1985, whose author is the native of São Paulo Raduan Nassar. The objective of these analogies is the localization of stylistiques consequences and constitution of direction caused by the constitution and the organization of the metaphors of *Lavoura Arcaica*.

1. Introdução

As metáforas utilizadas em uma obra literária podem ser motivadas por inúmeros fatores e organizadas de incontáveis maneiras. O mais comum é encontrarmos, ao longo dos textos, metáforas independentes umas das outras, motivadas pelo contexto imediato em que elas se encontram, não havendo um padrão de organização que as unifique. No nosso estudo sobre as metáforas de *Lavoura Arcaica*², porém, não é isso que percebemos.

Se fôssemos definir o tipo de texto em que LA (*Lavoura Arcaica*) se constitui, poderíamos afirmar que se trata do relato de uma história vivida pelo narrador, portanto, em primeira pessoa, com predominância da descrição de sentimentos e sensações. Para expressar o mundo interior do narrador, tão subjetivo quanto inalcançável pelo leitor, o autor opta pela criação de uma linguagem particular, em que os neologismos semânticos, tão inalcançáveis quanto o mundo interior do narrador, dão o tom. Essa linguagem particular acaba por construir um universo particular, com uma organização própria, que transparece no uso das metáforas do texto.

Ao estudar as metáforas de LA, percebemos que sua motivação ultrapassa as relações de semelhanças entre os seres do mundo que o senso comum estabeleceria. As relações de semelhança que geram essas metáforas são determinadas pelo sentimento e pela visão de mundo do narrador. Notamos também que há uma organização que norteia a criação dessas metáforas e seu uso ao longo do texto, uma orientação que cria uma unidade entre elas, que possibilita sua organização por temas.

Essas características de constituição e organização das metáforas de LA nos levou a propor uma analogia entre essas metáforas e as metáforas da nossa vida cotidiana, cuja constituição e organização se encontram descritas em *Les métaphores dans la vie quotidienne* (Johnson e Lakoff 1985)³. Nesta obra os autores afirmam que os sistemas conceituais humanos (a maneira como conceituamos nós mesmos e tudo o que nos cerca) são definidos metaforicamente. Afirmam também que fazemos uma eleição de determinadas redes sistemáticas de expressões metafóricas para compreender um conceito em termos de outro.

Neste trabalho tentaremos apresentar de que forma é possível fazer uma transposição desse mecanismo de criação de redes de expressões metafóricas do cotidiano humano para o mecanismo de criação de redes de expressões metafóricas do universo de LA.

¹ Contato para intercâmbio com a autora: denisplotito@uol.com.br

² *Lavoura Arcaica* é um romance novela do autor paulista Raduan Nassar, lançado em 1975. A edição a que nos referimos neste trabalho é 3ª edição revisada pelo autor, publicada em 1989, em São Paulo, pela editora Companhia das Letras.

³ A obra *Conceptual Metaphors in Everyday Language* foi publicada em 1980 e traduzida para o francês em 1985, com o título *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Neste trabalho faremos referência a essa tradução para a língua francesa.

2. Os sistemas metafóricos da vida cotidiana

Em *Les métaphores dans la vie quotidienne* encontramos a seguinte definição de metáfora: “a essência de uma metáfora é que ela permite compreender uma coisa (e experimentá-la) em termos de outra coisa” (Johnson e Lakoff 1985:15).

Para esses autores, a formação dos sistemas conceituais que usamos para definir o mundo é, em grande parte, de natureza metafórica, sem que tenhamos consciência disso. Esses conceitos não só estruturam nossa linguagem, como também nossa forma de perceber, pensar e agir.

Quando dizemos “eu tenho uma vida bem preenchida” (1985:59), só nos é possível expressar esse pensamento dessa forma porque estamos compreendendo e experimentando uma coisa (vida) em termos de outra (objeto que contém algo). Assim, conceituamos “vida” sobre a idéia de que ela é um continente. Esse conceito metafórico estrutura nossa atividade cotidiana, no que diz respeito ao modo como encaramos a vida, e é reforçado por meio da grande variedade de expressões que refletem essa uma metáfora inicial: “para ele, a vida é vazia”; “sua vida está até a tampa de atividades”; “viva plenamente sua vida”. (1985:59)

Essas metáforas estão tão incrustadas nas culturas que o falante não percebe que poderia conceber a vida de outra forma, o que, certamente, mudaria o julgamento que ele tem sobre sua vida e também até mesmo a forma de ele viver. “Essas expressões fazem parte de nossa maneira convencional de pensar a língua de tal maneira que às vezes é difícil imaginar que elas podem não corresponder à realidade” (1985:21).

No Quadro I, abaixo, temos um outro exemplo de conceito metafórico e suas decorrências:

Quadro I

METÁFORA CONCEITUAL	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DECORRENTES
A discussão é uma guerra.	Suas afirmações são <i>indefensáveis</i> .
	Ele <i>atacou cada ponto fraco</i> de nossa argumentação.
	Suas críticas <i>visavam diretamente ao alvo</i> .
	Nunca <i>ganhei</i> um ponto com ele!
	Então, <i>defenda-se</i> !
	Se utilizar essa <i>estratégia</i> , ele o esmagará!

Não é difícil perceber que a adoção de um conceito metafórico para definir algo impede que esse algo contemple aspectos que não fazem parte do universo da metáfora adotada: “a rede sistemática de expressões metafóricas que nos permitem compreender um aspecto de um conceito em termos de outro (por exemplo, de compreender um aspecto da discussão em termos de combate) mascarará necessariamente outros aspectos do mesmo conceito” (1985:20). Se adotamos a concepção de que a discussão é uma guerra, teremos dificuldade para perceber que a discussão pode ser vista como uma forma de cooperação, em que as pessoas que discutem colaboram umas com as outras com suas diferentes opiniões e argumentos.

Como já foi dito, um conceito metafórico inicial permite a criação de incontáveis metáforas que seguem a mesma lógica. Essas novas metáforas podem se multiplicar de modo a poderem se organizar em ramificações. É possível descobrir critérios de organização dessas ramificações. Tomemos o conceito “tempo é dinheiro” para exemplificar essas ramificações no Quadro II.

Quadro II

METÁFORA CONCEITUAL	RAMIFICAÇÃO REFERENTE AO DINHEIRO ESPECIFICAMENTE	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A RECURSOS LIMITADOS	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A MERCADORIAS PRECIOSAS
Tempo é dinheiro.	Investir o tempo.	Não tenho tempo bastante para isso.	Queria ter mais tempo para mim.
	Economizar tempo.	Tenho tempo de sobra para descansar.	Perdi tanto tempo com isso!
	Isso me custará 3 horas de trabalho.	Meu tempo não dá para tanto!	Obrigado por ceder seu tempo.

Depois de constatada toda essa sistematização das metáforas, podemos voltar a uma pergunta anterior: como se dão as escolhas dos termos que comporão as metáforas. A escolha da metáfora inicial depende de muitos fatores que fogem ao interesse deste trabalho, e dizem respeito à visão de mundo das culturas e outros aspectos da linguagem. Porém, a reflexão sobre a escolha das metáforas decorrentes dessa escolha inicial é algo que contribuiria para nosso interesse, pois diz respeito, entre outras coisas, às preocupações da estilística. O universo composto por essas escolhas é chamado por Johnson e Lakoff de “parte útil da metáfora”.

Para falar sobre a parte útil das metáforas, Johnson e Lakoff usam o exemplo do conceito metafórico “as teorias são construções”. “O significado do termo ‘fundação’ no domínio metafórico definido (a teoria) dependerá da maneira precisa com a qual o conceito metafórico ‘as teorias são construções’ é utilizado para estruturar o conceito de ‘teoria’” (1985:61). Dentre as palavras do campo associativo de “construção”, as convencionadas em nossa cultura para definir “teorias” são as que se ligam à idéia de madeiramento do telhado e fundação. Essa seria, então, a parte útil da metáfora “as teorias são construções”. A parte não-útil, por oposição, seria composta de todos os elementos do campo associativo de “construção” que não são aproveitados para esse sistema metafórico, como, por exemplo, as peças internas, as escadas e os corredores de uma construção.

Quando o falante usa a parte útil desse sistema para falar da construção – veja-se o exemplo “sua teoria não tem fundamentos” – o sentido metafórico não é facilmente percebido, por estar assimilado pelo senso comum dos falantes. No entanto, se for usada a parte não-útil desse sistema – por exemplo, “sua teoria é cheia de gárgulas” (p.62) –, haverá a criação de uma metáfora que será, por seu ineditismo, facilmente percebida como tal.

As metáforas formadas pela parte útil do sistema metafórico são chamadas por Johnson e Lakoff de “literais”; as formadas pela parte não-útil, são chamadas pelos autores de metáforas “não-literais”, e correspondem ao que se denomina habitualmente de linguagem figurada ou imagem.

Johnson e Lakoff distinguem três tipos possíveis de metáforas não-literais e demonstram sua categorização com os exemplos abaixo, do conceito teoria=construção:

1. As formadas pelo prolongamento da parte útil das metáforas: “Esses fatos são os tijolo e o cimento de minha teoria”. Essa metáfora refere-se à forma exterior da construção;
2. A parte não-útil: “Sua teoria comporta milhares de pequenos cômodos e longos corredores sinuosos”;
3. As metáforas novas: aquelas que não são utilizadas para estruturar nossos sistemas conceituais normais, constituindo uma nova maneira de pensar o objeto: “as teorias clássicas são matriarcas, mães de numerosas crianças”.

Gostaríamos de observar algumas diferenças quanto ao uso de metáforas literais e não-literais. Para Johnson e Lakoff, a estruturação de conceitos metafóricos no cotidiano do falante se justifica pela necessidade de concretização de conceitos abstratos de nossa experiência de vida (idéias, emoções, o tempo, etc.). A utilidade das metáforas estaria, então, no fato de que essa concretização nos permitiria assimilar e reforçar o significado que tais conceitos assumem na nossa cultura.

Quanto às metáforas não-literais, sua função é outra. Elas são exteriores ao nosso sistema conceitual, e o objetivo de sua criação é, em certo sentido, oposto ao objetivo da criação das metáforas não-literais. Enquanto as metáforas literais procuram reforçar e transmitir visões de mundo de toda uma sociedade, as não-literais têm como objetivo criar uma visão de mundo individual, que diz respeito apenas à visão de mundo do indivíduo que a criou, e acaba mostrando uma visão de mundo diferente da visão coletiva. Nesse sentido, podemos dizer que as metáforas literais são conservadoras, e as metáforas não-literais são subversivas.

Outro aspecto importante das metáforas do cotidiano é que elas são responsáveis por parte das semelhanças que percebemos entre as coisas. Conforme a metáfora que se utilize, muitas relações de semelhança podem ser feitas. Por exemplo, a metáfora “as idéias são objetos”, pode gerar relações de semelhanças como: “se eu posso te dar um objeto, eu posso te dar uma idéia”. Daí surgiria a metáfora “fui eu quem te deu essa idéia”.

Tomemos mais um exemplo de Johnson e Lakoff, para ilustrar essa questão das semelhanças: “conceber o tempo e o trabalho como substâncias nos permite conceber na nossa cultura o tempo e o trabalho de forma similar, pois podemos quantificá-los, dividi-los em unidades que possuem cada uma seu valor, utilizá-los para determinado fim e esgotá-los” (1985:157).

A consequência dessa afirmação é que ela amplia a compreensão de metáfora que diz que a metáfora é criada pela semelhança entre dois conceitos. Além de ser criada pela semelhança entre dois conceitos, ela também cria semelhanças entre esses conceitos.

Para nosso trabalho, a observação de que as metáforas não-literais “podem criar semelhanças da mesma forma que as metáforas convencionais” (1985:162) contribui com mais um aspecto na análise dos sistemas metafóricos de LA.

3. Os sistemas metafóricos de *Lavoura Arcaica*

Analogamente ao processo de constituição das metáforas cotidianas, as metáforas de LA também formam uma estrutura resultante de um conceito metafórico primitivo. Notamos, com o estudo do conjunto de metáforas de LA, que há um conceito metafórico inicial que unifica grande parte de suas metáforas. Esse conceito pode ser expresso por “o homem é um ser selvagem”. Esse conceito, criado pelo narrador, dá origem a uma enorme lista de metáforas. Poderíamos mencionar outros conceitos metafóricos iniciais que estruturam a visão de mundo do narrador. Um deles seria o conceito que estrutura a visão de tempo, um tema muito presente na obra.

Essa analogia entre a formação das metáforas cotidianas e as metáforas em literatura é reconhecida por Johnson e Lakof, quando falam sobre as metáforas não-literais, ou seja, as metáforas não convencionais: “Nossa convicção é, portanto, de que as metáforas novas dão sentido à nossa experiência, da mesma maneira que as metáforas convencionais: elas fornecem uma estrutura coerente, valorizam certas coisas e mascaram outras” (1985: 149).

Ainda que esse mascaramento de que falam Johnson e Lakof esteja presente da mesma forma tanto nas metáforas da vida cotidiana quanto nas metáforas não-literais, as consequências desse processo na vida real e na literatura são diferentes.

Se na vida cotidiana ele pode ser empobrecedor, ao produzir uma visão unilateral do mundo, como já mostramos no exemplo sobre a metáfora “a discussão é uma guerra”, na literatura ele pode ser, ao contrário, enriquecedor, se for usado como um recurso de reforço do sentido do texto. É o que vemos em LA. A caracterização dos personagens baseada na metáfora conceitual inicial “o homem é um ser selvagem” mostra-se como um recurso muito eficiente de explicitação da visão de mundo do narrador.

Ninguém duvida de que é enriquecedor enxergar o homem de vários pontos de vista, e esse poderia ser um procedimento pertinente para um outro tipo de texto literário. Porém, no caso de LA, que pode ser definido como um relato em primeira pessoa com predominância de sentimentos e sensações, um texto psicológico, ou intimista, como preferir, uma visão unilateral do homem colabora para a constituição de seu sentido. A adoção de uma visão de mundo traduzida por um sistema metafórico mostra a forma com que o narrador percebe o mundo.

Nesse caso, o uso de um sistema conceitual atende de forma criativa a essa necessidade. Assim como as metáforas do cotidiano expressam a visão de mundo de uma cultura, as metáforas de LA expressam a conceitualização do mundo de André, o narrador. “Como as metáforas convencionais, as metáforas novas possuem implicações que podem colocar em jogo outras metáforas e enunciados literais”(1985:149). O reforço da visão particular que o narrador tem do mundo e o desejo de afirmar essa visão são funções que os sistemas metafóricos de LA assumem no texto.

Quando o narrador utiliza essas metáforas, ele assume uma maneira de sentir, perceber e agir de acordo com elas, assim como Johnson e Lakoff afirmam que acontece com os sistemas conceituais metafóricos humanos. Ao lermos “e eu [*André*] pressentia, na hora de acordar, as duas mãos enormes debaixo dos meus passos, a natureza logo fazendo de mim seu filho, abrindo seus gordos braços, me borrifando com o frescor do seu sereno, me enrolando num lençol de relva” (LA, p. 114), percebemos que o texto está querendo confirmar que o narrador de fato se sente como um ser selvagem, um ser da natureza, cuja característica maior é o instinto, opondo-se, assim, à visão de mundo mais comum, que valoriza o lado racional do homem.

Da mesma maneira que os falantes da língua não se dão conta, muitas vezes, de usarem conceitos de forma metafórica, o personagem André assume de tal forma as metáforas com que constrói seu mundo que parece nem mesmo ter consciência de ter criado um mundo particular. A naturalidade com que lança suas metáforas mais obscuras parece querer dizer que ele as vê como muito transparentes em seu significado. Na verdade, ele não tem por que explicitar seu significado, pois seu relato pessoal parece ter como característica falar de si para si. Podemos constatar essa afirmação em casos como o que segue, em que há o uso metafórico de um léxico relativo a plantas que foge ao entendimento do leitor. Pressupomos que apenas o

narrador consegue compreender o sentido dessas metáforas, por estar profundamente familiarizado com o sentimento de que ele é um ser selvagem:

que potro enjaezado corria o pasto, esfolando as farpas sangüíneas das nossas cercas, me guiando até a gruta encantada dos pomares! que polpa mais exasperada, guardada entre folhas de prata, tingindo meus dentes, inflamando minha língua, cobrindo minha pele adolescente com suas manchas! p. 96

No entanto, o autor precisa informar o leitor sobre essa visão de André. Do contrário, correria o risco de não ser compreendido. Para evitar esse risco, o autor distribui ora e outra no texto afirmações claras sobre a visão de André de que o homem é um ser selvagem. Os trechos abaixo são exemplos desse procedimento:

redescobrimo sem demora em mim todo o animal, cascos, mandíbulas e esporas, deixando que um sebo oleoso cobrisse minha escultura enquanto eu cavalgasse fazendo minhas crinas voarem como se fossem plumas, amassando com minhas patas sagitárias o ventre mole deste mundo, p. 111-2.

só pensando que nós éramos de terra, e que tudo o que havia em nós germinaria em um com a água do outro, p. 115.

Para facilitar a analogia dos sistemas metafóricos de LA com os sistemas metafóricos do nosso cotidiano, apresentamos o Quadro Ia (metáforas de LA), análogo ao Quadro I (metáforas do cotidiano), ambos com uma metáfora conceitual e expressões metafóricas decorrentes dela:

Quadro Ia

METÁFORA CONCEITUAL	EXPRESSÕES METAFÓRICAS DECORRENTES
O homem é um ser selvagem.	“meus olhos eram <i>dois caroços repulsivos</i> ,”
	“enquanto <i>serpenteava</i> o corpo, ela sabia fazer bem as coisas, essa minha irmã,
	“me escapava da corrente <i>o cão sempre estirado na sombra sonolenta dos beirais</i> ”
	“meu irmão, assobrado pelo <i>impacto do meu vento</i> ”

Prosseguindo na analogia, da mesma forma que os sistemas metafóricos do cotidiano podem criar ramificações, como mostra o Quadro II, em LA, também podemos agrupar as metáforas do conceito “o homem é um ser selvagem” em ramificações como “o homem é um mineral”, “o homem é um animal”, “o homem é um vegetal”. Dessas ramificações, as duas últimas são significativamente mais produtivas de metáforas em LA.

Quadro IIa

METÁFORA CONCEITUAL	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A “O HOMEM É UM ANIMAL”	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A “O HOMEM É UM VEGETAL”	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A “O HOMEM É UM MINERAL”
O homem é um ser selvagem.	“mas já sentindo <i>as patas de um animal forte galopando no meu peito</i> ”	“Ana, tudo começa no teu amor, ele é o núcleo, ele é a <i>semente,</i> ”	Ana não me via, trabalhava zelosamente de joelhos o seu rosário, era só fervor, <i>água e cascalho</i> nas suas faces.
	“além de nossas unhas e <i>nossas penas</i> , teríamos com a separação nossos corpos mutilados ”	“o filho sobre o qual pesa a suspeita de ser um <i>fruto</i> diferente”	“o jarro da minha velha identidade elaborado com o <i>barro das minhas próprias mãos</i> ”
	“ali onde instalo <i>meus filamentos e minhas antenas</i> ”	“devolvendo às origens <i>as raízes dos meus pés</i> ”	“e mal saindo da <i>água do meu sono</i> ”

É possível estabelecer muitas analogias entre essas ramificações, tanto quanto à forma como elas se ramificam, quanto à escolha do léxico.

Dentro de cada braço da ramificação apresentada acima, também podemos notar a organização de outras ramificações, conforme mostra o Quadro IIb:

Quadro IIb

METÁFORA CONCEITUAL	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A FRUTOS	RAMIFICAÇÃO REFERENTE A FLORES	RAMIFICAÇÃO REFERENTE AO TRONCO DA ÁRVORE
O homem é uma planta.	Olho é caroço.	Pensamento é flor.	Pênis é caule.
	Olho é tâmara.	Esperma é flor.	Corpo é madeira.
	Dedo é polpa.		Pêlo é espinho.

3.1. Cruzamento das ramificações: nascem novas metáforas

Os sistemas metafóricos de LA vão além do estabelecimento de ramificações, ao cruzar metáforas de ramificações diferentes e produzir, assim, novas metáforas, resultantes de uma ampliação das metáforas originais. Esse cruzamento de metáforas são os desdobramentos possíveis do sistema de semelhanças que as metáforas geram.

Ilustraremos essa situação com as metáforas conceituais “pênis é parte rígida, alongada, cilíndrica da planta” e a metáfora conceitual “sexo é causador de males físicos”. A metáfora conceitual “pênis é parte rígida, alongada, cilíndrica da planta” dá origem às seguintes metáforas: pênis é caule; pênis é haste. A metáfora “sexo é causador de males físicos” dá origem às seguintes metáforas: esperma é veneno; desejo sexual é peçonha.

O cruzamento dessas duas metáforas gera a metáfora “pênis é espinho”, conforme o Quadro III:

Quadro III

causador de males físicos	parte rígida, alongada e cilíndrica da planta
sexo	pênis
espinho	espinho

Outro exemplo desse tipo de cruzamento é o cruzamento entre as metáforas “esperma é flor” e “pensamento é flor”:

Quadro IV

	flor
esperma	se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero
pensamento	meu travesseiro, ali onde germinava a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa , que brota com virulência rompendo o musgo do texto dos mais velhos;”

Nesses cruzamentos se estabelecem semelhanças entre sexo e pensamento, assim como se estabelecem relações entre espinho e pênis, pela semelhança entre espinho e sexo.

3.2. Constituição de sentido e expressividade das metáforas

Sabe-se que a originalidade é um elemento de relevância nas análises estilísticas, para as quais há um consenso sobre o fato de que a presença ou ausência de originalidade está diretamente relacionada ao grau de expressividade de um recurso de estilo.

Como já dissemos, de tal maneira as metáforas cotidianas (literais) fazem parte dos conceitos da nossa vida, que nem as reconhecemos como metáforas. As metáforas de LA, ao contrário, por serem não-literais, não fazem parte da visão de mundo do senso comum.

Retomemos a categorização das metáforas não-literais de Johnson e Lakoff – as formadas pelo prolongamento das partes úteis; as formadas pela parte não útil; as metáforas novas. A descrição feita por Johnson e Lakoff desses procedimentos permite estabelecer uma gradação de originalidade das metáforas. As metáforas formadas pelo prolongamento da parte útil seriam as menos originais; as formadas pela parte não-útil teriam grau médio de originalidade; as metáforas novas seriam as mais originais.

Com base em alguns exemplos de conceituações metafóricas do cotidiano oferecidos por Johnson e Lakoff, podemos reconhecer algumas metáforas de LA formadas por prolongamento da parte útil e/ou pela parte não útil dos sistemas metafóricos do cotidiano. Esse fato nos leva a pensar que o grau de originalidade dessas metáforas não é alto. Exemplificamos no Quadro V, abaixo, uma ocorrência dessa situação.

Quadro V

As idéias geram vida	
Johnson e Lakoff	Lavoura Arcaica
A teoria da relatividade deu à luz um grande número de concepções em física. (p. 56)	era de estrume meu travesseiro, ali onde germinava a planta mais improvável, (p. 52)

A metáfora “germinava a planta mais improvável” parece querer significar “o estrume com que era recheado meu travesseiro alimentava meu pensamento fazendo germinar nela idéias improváveis”. Ao comparar essa metáfora com a metáfora literal “a teoria deu à luz idéias”, percebemos que a metáfora de LA não parte de uma metáfora inicial original, mas de uma metáfora inicial existente na língua cotidiana. No entanto, inserida no texto, essa metáfora nos parece bastante original e produtora de expressividade. Depreendemos dessa observação que, ainda que uma metáfora traga em si traços de uma metáfora do senso comum, ela pode ter sua originalidade construída por procedimentos vários.

Um desses procedimentos é a aproximação, ao longo do texto, dessa metáfora com outras metáforas criadas no texto, que por sua vez se aproximam de outras, e assim formando uma rede entre metáforas assemelhadas e complementares que devolve a originalidade roubada pela aproximação com a metáfora literal “as idéias geram vida”. Essa aproximação é decorrente das relações de semelhança que as metáforas estabelecem entre si. Outro procedimento não diz respeito diretamente às metáforas, mas a um recurso fonético: a aproximação de palavras com alguns sons coincidentes. Notamos também o procedimento de aproximação semântica e a repetição das palavras.

Apresentamos a seguir exemplos do texto com os quais tentaremos evidenciar essa nossa observação.

Página 9: Pênis é um caule que produz uma rosa branca. Rosa branca é flor:

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde, nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo;

Página 48: O sangue refluindo na cabeça é um monte de vermes que forma uma almofada para o pensamento. A flor do pensamento intumescer: “mas eram na verdade só as primeiras ressonâncias do meu sangue tinto que eu sentia salso e grosso, e refluindo na cabeça, e intumescendo ali a flor antes inerme, e fazendo daquele amontoado de vermes, despojada de galões, a almofada sacra pr’eu deitar meu pensamento”

Página 52: Travesseiro de estrume gera flor. Flor é idéia, flor é venenosa, tem virulência, rompe musgo: “era de estrume meu travesseiro, ali onde germinava a planta mais improvável, certo cogumelo, certa flor venenosa, que brota com virulência rompendo o musgo do texto dos mais velhos;”

Página 74: No ato sexual André produz uma peçonha que é um visgo recôndito: “era refocilando ali que eu largava minha peçonha, esse visgo tão recôndito”

Página 137: Pênis incha com purulência, vaza dele uma gosma que é um visgo recôndito e ao mesmo tempo um sol florido:

não tenho culpa deste espinho, não tenho culpa deste inchaço, desta purulência, não tenho culpa deste osso túrgido, e nem da gosma que vaza pelos meus poros, e nem deste visgo recôndito e maldito, não tenho culpa deste sol florido, desta chama alucinada, não tenho culpa do meu delírio

Página 140: Pênis é cactus que produz uma baba que tem suculência: “e eu já corria embalado de novo na carreira, me antecipando numa santa fúria, me cobrindo de bolhas de torso a dorso, babando o caldo pardo das urtigas, sangrando a suculência do meu cactus”

O Quadro VI a seguir procura demonstrar a aproximação dessas metáforas e também relacionar os recursos de estilo fonético e semânticos que contribuem para essa aproximação. Os números das páginas em que ocorrem essas metáforas mostram que essa aproximação não existe no espaço, mas apenas na constituição do sentido.

Convém ressaltar que o grau de influência dessas aproximações na constituição do sentido varia bastante. Por exemplo, o item do Quadro VI que mostra aproximação semântica entre musgo e visgo não é tão significativo quanto a aproximação semântica e fonética (sufixo -ência). Esta, por sua vez, é bem menos importante do que a aproximação semântica entre vermes e purulência, que reforça a coincidência dos

conceitos metafóricos que definem pênis e pensamento. De qualquer forma, todos esses recursos reunidos conseguem reforçar o sentido das metáforas.

Quadro VI

RECURSOS DE APROXIMAÇÃO	OCORRÊNCIAS		
Coincidência de conceito metafórico	pênis produz flor (p. 9)	pensamento produz flor (pp. 48 e 52)	
aproximação semântica entre vermes e purulência	flor do pensamento é formada por vermes (p. 48)	pênis tem purulência (p. 137)	
aproximação semântica e fonética (sufixo -ência)	flor do pensamento tem virulência (p. 52)	pênis tem purulência (p. 137)	
aproximação fonética (sufixo -ência)	flor do pensamento tem virulência (p. 52)	pênis produz suculência (p. 140)	pênis tem purulência (p. 137)
aproximação semântica e fonética (sílabas in)	flor do pensamento intumesce (p. 48)	pênis incha (p. 137)	
aproximação semântica	flor do pensamento é venenosa (p. 52)	pênis produz peçonha (p. 74)	
aproximação semântica entre musgo e visgo	flor do pensamento rompe musgo (p. 52)	pênis produz visgo recôndito (pp. 74 e 137)	
repetição da idéia metafórica com variações	Pênis produz gosma (p. 137)	pênis produz baba (p. 140)	pênis produz suculência (p. 140)
repetição da idéia e da forma em contextos diferentes	pênis produz visgo recôndito p. (74)	pênis produz visgo recôndito (p. 137)	

4. Conclusão

Depois de apresentados os aspectos que consideramos relevantes sobre nosso estudo a respeito das metáforas de LA decorrentes do conceito “o homem é um ser selvagem”, podemos sintetizar algumas conclusões sobre a relação das metáforas com o sentido do texto e seu estilo.

Quanto ao sentido do texto, notamos que o uso de sistemas metafóricos formados por uma metáfora inicial e as outras metáforas dela decorrentes contribuem para o reforço do tipo de texto de LA, um texto marcado pela subjetividade do narrador. Esses sistemas metafóricos reforçam a visão de mundo do narrador. O cruzamento entre os conceitos metafóricos reforçam ainda mais essa visão de mundo do narrador.

Quanto ao estilo, percebemos que a expressividade das metáforas está relacionada, por um lado, com a aproximação das metáforas do texto com as metáforas cotidianas e, por outro, que ela é multiplicada pelas relações que se estabelecem entre metáforas de conceitos metafóricos diferentes.

5. Referências bibliográficas

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3ª edição revista pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JOHNSON, Mark. e LAKOFF, George. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.